

Jornal do Comercio

Recife, 22 de janeiro de 2003 - Quarta-feira

www.jc.com.br

CINEMA PELA REDE

Uma nova onda circula pela Internet: baixar pré-estréias e estréias de filmes, muitas vezes com a permissão dos próprios autores. ► **INFORMÁTICA 1 e 2**



Santa Cruz e Sport vencem amistosos antes da estréia

► **ECONOMIA/ESPORTES 6**

CÓDIGO DE TRÂNSITO

O Código de Trânsito Brasileiro completa cinco anos hoje, com mais méritos do que falhas. O principal deles é o espaço dado à educação e à questão da cidadania. ► **2ª CAPA**

Forte Orange

RODRIGO LOBO/JC



Ruína de porta do século 17 estava sob montanha de areia

Sob 1,2 tonelada de areia, arqueólogos encontraram as ruínas de uma porta do século 17, no Forte Orange (foto). A planta do projeto de restauração do local já está quase pronta. ► **CIDADES 4**

ITAMARACÁ

RUÍNA DE PORTA HOLANDESA DO SÉCULO 17 É DESCOBERTA

Os arqueólogos da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) descobriram o material após escavar 1,2 tonelada de areia no Forte Orange. Reconstituição da planta está quase terminada, e já há projeto para museu

RODRIGO LOBO/JC

As ruínas da porta que servia de entrada para as edificações holandesas do Forte Orange, em Itamaracá, no Grande Recife, foram descobertas pela equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os vestígios da construção vieram à tona após a retirada de 1,2 mil toneladas de areia do terrapleno do Forte, que fica voltado para o Canal de Santa Cruz. A descoberta é considerada de fundamental importância para a reconstituição da planta holandesa da fortificação.

O arqueólogo Marcos Albuquerque, que coordena a pesquisa, observou que a localização da porta não é comum em construções militares. "O fato de ela estar voltada para o canal, a torna vulnerável. Quando os portugueses reconstruíram o forte, eles direcionaram a porta principal para o Oeste, numa área mais reservada e protegida. Acreditamos que os holandeses só tenham ousado no posicionamento porque dispunham de uma esquadra permanente no canal", comentou.

Os muros de arrimo que protegem a porta foram construídos com tijolos holandeses. De acordo com o pesquisador, o material era transportado da Holanda, servindo como lastro nos navios. Após a expulsão dos batavos, os portugueses, que continuaram usando a porta até meados do

século 18, realizaram uma reforma na sua estrutura. Na ocasião, foi adicionada uma camada de tijolos mais espessos, ainda visível hoje.

As escavações devem prosseguir em direção à casa de pólvora dos holandeses, no pátio central do forte, conhecido como praça de armas, onde foi encontrado o



ESCAVAÇÕES Pesquisadores estarão no local até o final de fevereiro, caso não haja nenhuma nova descoberta

piso da entrada. "Acreditamos poder chegar à muralha, que era, possivelmente, feita de terra. Eles empregavam o material para absorver o impacto da artilharia pesada, disparada pelos canhões das naus. Caso as proteções fossem feitas com pedras, elas se destruiriam com as balas e se transformariam em estilhaços", explicou a arqueóloga Veleda Lucena.

Para Marcos Albuquerque, a descoberta inaugura uma etapa decisiva nas escavações do Forte Orange. "Conseguimos confirmar a posição da porta,

em torno da qual existiam muitas incertezas. A planta está praticamente fechada, pois sabemos onde ficavam os quartéis, a casa de pólvora, a cacimba e agora a entrada. Entretanto, alguma outra descoberta pode nos levar até a prolongar o trabalho, previsto para acabar em fevereiro", avaliou.

Iphan elabora projeto para construir museu no local

Enquanto os arqueólogos e restauradores estudam uma forma de manter expostas as recentes descobertas feitas no forte, uma equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) está elaborando o projeto do museu que vai funcionar no local. O objetivo é inaugurar a unidade no início do ano que vem, com salas climatizadas e programas de multimídia para auxiliar o visitante.

"Pretendemos criar um roteiro temático onde as pessoas possam descobrir e interpretar a história do forte. Vamos selecionar os objetos mais representativos para serem expostos para que as pessoas possam compreender o dia-a-dia dos militares", explicou Maria de Lourdes Barreto, diretora do Museu Imperial, em Petrópolis (RJ), incumbida pelo Iphan de coordenar a elaboração do

projeto.

De acordo com ela, o museu vai apresentar todas as fases de ocupação do forte, desde sua construção. "Não vamos privilegiar nenhum período em particular. Toda a história do local vai poder ser descoberta de forma bastante didática", adiantou. A diretora anunciou também que pretende criar um espaço dedicado à arqueologia, onde vai se poder aprender mais sobre a atividade. "Precisamos valorizar esse tipo de trabalho", justificou.

Até agora, o orçamento para a implantação do museu ainda não foi definido. As escavações custaram cerca de R\$ 1,2 milhão, financiados pelo Ministério Holandês das Relações Exteriores, através da fundação Mowic, em parceria com a Fundação de Apoio ao Desenvolvimento da UFPE (Fade).

Localização da porta não é comum em construções militares